

OPERAÇÕES EM CURSO D'ÁGUA

FACE AO NOVO FM 100-5 NORTE-AMERICANO

Major W. F. BOUÇAS

Compreende o presente trabalho, uma tradução do novo Manual de Campanha 100-5, saído em outubro de 1949 e em substituição ao anterior de 1944, baseado no qual, foi elaborado o nosso de 1948.

Em vista das muitas alterações introduzidas, no que concerne a conceitos a par da eliminação de outros, houve por bem acompanhar dita tradução com as explicações que se foram tornando necessárias, grifando, em itálico, os novos trechos, para que, assim, possam os leitores bem aquilatar do valor do novo manual.

OPERAÇÕES EM CURSO D'ÁGUA

Generalidades

781. Em razão das restrições que impõem aos movimentos e manobras, os rios largos e não vadeáveis exercem influência considerável nas operações militares. Constituem eles obstáculos a um ataque, bem como, linhas naturais de resistência para uma ação defensiva (eliminou-se, aqui, o complemento "ou retardadora"); oferecem proteção contra os reconhecimentos terrestres inimigos e proporcionam segurança contra ataques blindados (e não "mecanizados"). O ataque através de rios não vadeáveis requer medidas especiais de preparação, tanto técnicas como táticas, proporcionais às características do rio e ao valor relativo das forças oponentes.

782. O reconhecimento de um curso d'água é indispensável, tanto para atacá-lo, como para defen-

dê-lo. O valor militar do curso d'água aumenta com a largura, profundidade e velocidade da corrente. Outros aspectos do valor técnico e tático são: natureza das margens, configuração do terreno adjacente, ilhas e tributários, inclusive abrigos, cobertas e vias de comunicação em ambas as margens. O fundo do rio, os acessos à margem, a praticabilidade dos vaus, o perigo de possíveis blocos de gelo, de minas flutuantes e inundações (naturais ou artificialmente causadas), devem, também, ser consideradas.

783. A coordenação com a aviação de combate é essencial em todas as operações ofensivas de envergadura em cursos d'água. A superioridade aérea local deve ser obtida e mantida durante a operação. A transposição de cursos d'água pode ser, às vezes, grandemente facilitada, pelo emprêgo de tropas aeroterrestres.

Transposição

784. a) A defesa de um curso d'água pode ser algumas vezes, desbordada. Por meio de demonstrações, fortes em artilharia e atividade aérea, levadas a efeito em vários pontos, ao longo do curso d'água, procura-se iludir o inimigo sobre o ponto escolhido para a transposição, enquanto que, um elemento forte e móvel, realiza a operação em outro local que não ofereça oposição, desfechando, em seguida, um ataque visando o flanco inimigo, antes que possa ele reajustar seu dispositivo.

b) Quando o inimigo não está ainda de posse de um curso d'água, esforços são feitos para se lhe antecipar na ocupação dos necessários pontos de passagem. Tropas de grande mobilidade são rapidamente lançadas, em uma frente extensa, para se apossar das passagens desejadas, bem como, ocupar o terreno dominante, *na margem oposta* (e não, "de ambos os lados" — impropriedade de tradução), a fim de proteger a travessia pelo grosso. *Onde o curso do rio seja normal a direção do avanço, ordens devem ser dadas salientando a necessidade de velocidade e ação agressiva para lhe assegurar a travessia.*

c) Divisões blindadas (eliminou-se "Divisões de cavalaria") e outras unidades móveis efetuam a travessia do rio, avançando, rápida e arrojadamente, para ocupar os pontos de passagem necessários e estabelecer cabeças de ponte na margem inimiga. Se tal for impossível, efetuam amplos movimentos contornantes para alcançar pontos fracamente defendidos, ou sem defesa, sobre o rio, e, então realizam a travessia. Se todos os pontos de travessia estiverem destruídos (eliminou-se "as unidades de cavalaria a cavalo podem passar a nado"), as unidades blindadas (eliminou-se "ou mecanizadas") podem utilizar balsas ou portadas, até que sejam as pontes construídas.

Este subparágrafo constava como sendo o nosso 814 — pg. 250).

785. Tropas transportadas pelo ar e unidades blindadas (e não, "mecanizadas") e motorizadas podem ser, também, empregadas para se apossar e manter pontos de travessia importantes, até a chegada dos primeiros elementos do grosso.

786. a) Quando o inimigo já está de posse da linha de curso d'água, que não pode ser contornado, sua passagem deve ser forçada. Sob condições favoráveis, tal operação pode ser levada a efeito por processos rápidos e audaciosos, direta e simultaneamente, dirigidos sobre os possíveis pontos de transposição. Isso pode ser levado avante por meio de um ataque arrojado desfechado por uma "força-tarefa" (destacamento misto) (e não, "tro-

pas transportadas pelo ar, ou por por forças móveis"), incluindo tropas transportadas pelo ar e forças terrestres móveis forte em blindados, veículos anfíbios e outros equipamentos de travessia.

b) Na ausência de tais condições favoráveis, torna-se necessária uma operação melhor preparada. As tropas inimigas são prontamente repelidas para a outra margem do rio, enquanto são iniciados preparativos sistemáticos para forçar a travessia.

787. Em uma operação relacionada com o ultrapassamento de um rio, sua transposição é um meio e não o fim procurado. O objetivo imediato é atravessar o rio, rápida e economicamente, estabelecendo uma cabeça de ponte que protegerá a passagem do restante da tropa.

787-A. a) No estabelecimento de uma cabeça de ponte, para a travessia (e não, "para uma força importante") de uma força de vulto, existem, geralmente, três fases (e não, "objetivos") sucessivas (eliminou-se, "que devem ser conquistados na margem inimiga"):

— primeira, eliminação da possibilidade de o inimigo colocar fogo direto e eficaz (eliminou-se, "das armas portáteis") sobre a frente de transposição;

— segunda, eliminação da possibilidade de o inimigo colocar (ainda aqui, nova maneira de dizer) tiros observados (eliminou-se, "da artilharia" e "observados de terra") sobre os pontos de transposição escolhidos (e não, "local ou locais escolhidos para as pontes de equipagem", bem como, eliminou-se o complemento "e que possa ser apoiada pela artilharia leve da margem amiga");

— terceira, eliminação da possibilidade de o inimigo colocar qualquer fogo eficaz e contínuo, de armas terrestres (e não, "da artilharia"), sobre os pontos de transposição escolhidos (e não, "contra os locais das pontes") e sobre o espaço necessário (e não, "proporção o espaço de manobra necessário"), na margem oposta, para a manobra do comando.

787-A. meio objetivo por sucessiva" fim, passou-se, "p A conquista requerido jugado com local (não possível a não, "pontes a passagem não, "do g do terceiro a superior utilização i passagem, coberto da das ultion ciliar a acua na margem objetivos de as missões o mitir sufici aos comando que os êxito (eliminou-se

(NOTA rógrafo con do 787.)

788. a) cursos d'água rários de p pelos oficiais engenharia, operação. F ladoras da destruições c tenha efetu mando faze mativa das meios neces posição. Seu restre só po ralmente, de cobertura d repelidas pa b) O re informes po para a escol tas de trans para a execu tórias neces resultados de situação tático qual a frente passagem ser 789. Em g perar em lar

787-A. b) A conquista do primeiro objetivo facilita a transposição por assalto (e não, "a passagem sucessiva"), em botes para esse fim, passadeiras e balsas (eliminou-se, "para tropas e veículos"). A conquista do segundo objetivo, requerido para a segunda fase, conjugado com a superioridade aérea local (não "supremacia"), torna possível a construção de pontes (e não, "pontes de equipagem"), para a passagem de cargas pesadas (e não, "do grosso de"). A conquista do terceiro, ainda conjugado com a superioridade aérea, possibilita a utilização ininterrupta de meios de passagem, permite a manobra, a cobertura da tropa, para cumprimento das ulteriores missões, além de facilitar a acumulação de suprimentos na margem inimiga. A fixação dos objetivos de transposição do rio ou as missões das unidades devem permitir suficiente liberdade de ação aos comandos subordinados, para que os êxitos possam ser explorados (eliminou-se, "plenamente").

(NOTA — Foi aberto novo parágrafo com as partes (A) acima do 787.)

788. a) Os reconhecimentos dos cursos d'água, transversais aos itinerários de progressão, são iniciados pelos oficiais de Estado-Maior e de engenharia, na fase primeira da operação. Fotografias aéreas reveladoras da natureza do rio e das destruições de pontes que o inimigo tenha efetuado, permite ao comando fazer uma primeira estimativa das possibilidades e dos meios necessários para a transposição. Seu reconhecimento terrestre só pode ser executado, geralmente, depois que as forças de cobertura do inimigo hajam sido repelidas para a margem oposta.

b) O reconhecimento fornece informes pormenorizados e base para a escolha definitiva dos pontos de transposição, assim como, para a execução de medidas preparatórias necessárias. Baseado nos resultados do reconhecimento e na situação tática, o comando decide qual a frente ou frentes em que a passagem será forçada.

789. Em geral, o atacante deve operar em larga frente, executando

vários ataques contra diferentes lugares. O esforço principal incidirá um ou mais desses ataques. O defensor fica, então, privado da possibilidade de poder trazer o grosso de sua artilharia, ou seu contra-ataque principal, sobre mais de um dos pontos de transposição. É essencial, o sigilo nos preparativos, bem como enganar o inimigo (e não, "a ignorância do") quanto à hora e o lugar da transposição principal. Em consequência, finitas, falso uso de fumaça ou demonstrações, servem para ludibriar o inimigo a tal respeito. (Eliminou-se a nota "ver parágrafo 792").

790. a) Na escolha das frentes e pontos de transposição deve-se levar em consideração, tanto as necessidades táticas como técnicas. Os pontos, em consequência, escolhidos, serão, normalmente, os que satisfaçam ao conjunto de exigências que melhor atenda essa determinada situação. Entretanto, deve-se, nessa ocasião, verificar da possibilidade de uma ação de surpresa, a ser conseguida, através da escolha de um ponto de transposição desfavorável.

b) Taticamente, o atacante procura obter: cobertas para seu movimento até ao rio; zonas de reunião final dissimuladas; um longo trecho de rio marginado por árvores ou pequenas elevações; pontos de passagem não defendidos e bons caminhos para o movimento, especialmente, estradas do lado inimigo. Terreno dominante, na margem amiga, favorece a observação da artilharia e o apoio do ataque por meio de fogo por cima da tropa. Um saliente na margem inimiga favorece a concentração de meios de combate e o fogo de flanco contra as tropas que o defendem. Embora o atacante possa, em vista do saliente, apoiar seus flancos no rio, pode-se ver, após a transposição, obrigado a atacar em uma frente estreita, para romper uma forte defesa em sua base.

c) Tecnicamente, o atacante procura uma correnteza moderada; parte do rio não obstruída por ilhas, bancos de areia e pedras; margens favoráveis; boas vias de acesso,

em ambas as margens; e fácil conexão com a rede de estradas existentes. Os locais de antigas pontes são geralmente vantajosos (eliminou-se o complemento "para tal operação" e acrescentou-se o que se segue), pois, normalmente, proporcionam uma boa rede de estradas, bons acessos e, algumas vezes, fundamentos para construção de uma ponte provisória.

791. Tendo escolhido as frentes (eliminou-se a forma singular) em que será feita a transposição, o comandante responsável formula seu plano de ação para tal fim.

792. Para cada frente de transposição são designados grupamentos táticos (e não, "de forças — impropriedade de tradução), que recebem instruções relativas à hora do início da operação, aos objetivos, às zonas de ação, ao apoio às unidades vizinhas e ao tipo e à localização de pontes a serem construídas. Tropas (eliminou-se, "Outras") podem ser, também, designadas para realizar fintas ou demonstrações, em pontos outros que não os das frentes principais de transposição, objetivando ludibriar os defensores e, assim, desviá-los desses lugares. Parte da tropa é mantida em reserva, a fim de explorar o êxito na parte que tiver maior sucesso.

793. Tropa de engenharia e meios de transposição devem estar disponíveis, desde logo, na fase dos preparativos da operação, de modo a que, instrução combinada possa ser levada a efeito, reconhecimentos possam ser executados e, o equipamento, preparado e disposto convenientemente. Tropas de engenharia, não divisionárias, com os necessários meios descontínuos de transposição, são normalmente, postas a disposição, ou em apoio das unidades de assalto de primeiro escalão (e não, "grupamentos táticos"), que realizam a transposição em cada uma das frentes. Além disso, uma reserva de tropas de engenharia e meios de transposição deve, também, ser prevista para estabelecer pontes ou balsas, reforçar os meios materiais nos pontos decisivos, substituir perdas e exe-

cutar outros trabalhos, tais como, conservação e prolongamento da rede de estradas.

794. a) A unidade de engenharia do comando responsável (e não, "escalão superior") é encarregada de todas as medidas técnicas preparatórias para a transposição, distribuição de tropas e material de engenharia, construção e guarda das pontes, bem como, regulação do tráfego sobre ela (omitida na tradução).

b) A localização do material de engenharia, antes da transposição, particularmente as equipagens de ponte, deve ser cuidadosamente dissimulada. A revelação de sua presença, pode corresponder a dois planos do comando. Além disso, constitui um alvo compensador para os aviões de combate e artilharia do inimigo, e, pois, deve-se-lhe dar proteção, inclusive, de defesa anti-aérea (e não, "ser protegida pela").

c) O posto de comando da unidade de engenharia e ligado pelas transmissões (e não "tropas de"), com os respectivos postos do comando responsável (e não, "superior") e os de cada uma das frentes de transposição.

795. a) Assim que um grupamento tático é designado para uma frente de transposição, seu comandante e os das tropas que o devem apoiar na operação, encarregam seus oficiais de estado-maior e unidades subordinadas de reconhecer o terreno em que irão operar. (E não vírgula como constava). Vias de acesso (e não, "itinerários de aproximação" — questão de tradução, apenas), áreas de reunião (eliminou-se o termo "final"), pontos de transposição reais (havia sido omitida) e itinerários que a eles vão ter, devem ser localizados. Planos devem ser organizados para tiros preparados e outros permenores da operação. O volume de reconhecimentos que se torna necessário, exige preparação de planos coordenados para tal fim, inclusive, medidas de sigilo, através de restrições impostas no interesse do segredo (e não, "Na execução do reconhecimento, as restrições estabe-

lecidas pa ser obser

b) Ofi conhecem no tocante margem a — incorre consequê reforços n possibilda mento, pa Antes da t gular de s somente m sar o segre das relacio rádio pode nos de sig mente: " transmissõe bidas ou r fim de ass ciada a ope mente, emp ões com as gem até qu iam estabel

796. (E rado e que os preparat perior expe eução da tr 5).

797. A l determinada rior. É mai e fazê-los c os durante é amplamen gurança, se parcionados posições re noite são ge forma a pro reorganizaã antes do cla levar em co idade do us icial.

798. Pouc ão, o grosso situar, é c em bivaques nou-se o com cance da art uma distânc transposição, de marcha n mínimo de a

lecionadas para manter o sigilo devem ser observadas").

b) Oficiais de transmissão reconhecem a frente de transposição no tocante à existência de linhas na margem amiga (e não, "inimiga" — incorreção de tradução) e, em consequência, determinam quais os reforços necessários e, também, as possibilidades de seu prolongamento, para a margem oposta. *Antes da transposição, o tráfego regular de rádio deve ser cuidadosamente mantido, a fim de preservar o segredo da operação. Medidas relacionadas com o tráfego de rádio podem ser incluídas nos planos de sigilo* (Constava anteriormente: "Antes da travessia, as transmissões pelo rádio são proibidas ou reduzidas ao mínimo, a fim de assegurar o sigilo"). Iniciada a operação o rádio é, geralmente, empregado para transmissões com as unidades da outra margem até que linhas telefônicas sejam estabelecidas.

796. (Foi este parágrafo retirado e que rezava: "Terminados os preparativos, o comandante superior expede a ordem para execução da travessia"). (Ver C-100-5).

797. A hora da transposição é determinada pelo comando superior. É mais difícil lotar os barcos e fazê-los cruzar o rio à noite do que durante o dia. Tal dificuldade é amplamente compensada pela segurança, segredo e surpresa proporcionados pela escuridão. *Transposições realizadas a coberto da noite são geralmente reguladas de forma a proporcionar tempo para reorganização, na margem oposta, antes do clarear do dia. Deve-se levar em consideração a possibilidade do uso de iluminação artificial.*

798. Pouco antes da transposição, o grosso das tropas, que a vão efetuar, é colocado, secretamente, em bivaques dissimulados (eliminouse o complemento, "fora do alcance da artilharia inimiga") e, a uma distância da sua frente de transposição, inferior a uma etapa de marcha noturna normal. Um mínimo de artilharia pode ocupar

posições dissimuladas e regular seus tiros. *Razões de segredo podem determinar a suspensão de todo o fogo de artilharia que não o normal* (e, não mais, como constava, "podem levar toda a artilharia a se manter silenciosa"). Somente forças de cobertura e os elementos de reconhecimento que forem necessários podem aproximar-se do rio. Os elementos de cobertura ao longo do rio são destacados de outras tropas que não as que vão fazer a transposição inicial.

799. a) Geralmente, todas as tropas de apoio tomam posição, sob a proteção da escuridão, na noite da travessia. As unidades de assalto de primeiro escalão deslocam-se para as posições de ataque (e não, "zonas de reunião final"), onde encontram as tropas de engenharia, com botes de assalto, passadeiras ou outros meios de transposição.

b) Tais posições de ataque (e não, "zonas de reunião final") devem ter as seguintes características: acessíveis aos caminhos que trazem o material de engenharia; desafiadas e de fácil identificação; ocultas à observação aérea e terrestre; e, finalmente, estarem ligadas por vários itinerários, diretos e dissimulados, aos pontos de transposição.

800. a) As primeiras vagas de assalto, em cada frente (eliminouse o complemento, "conduzidas por guias de engenharia"), transportam seus botes das posições de ataque (idem, idem) para a margem do rio e os lançam náua, em uma larga frente. Os movimentos laterais e o emassamento de tropas na margem devem ser evitados. Medidas são tomadas para regular o tráfego e suprimir ruídos durante o movimento para o rio. Cabos-guias, lançados sobre o rio, facilitarão a transposição e proporcionarão maior segurança ao pessoal. *Patrulhas especialmente treinadas e equipadas, podem preceder as primeiras vagas de assalto, a fim de eliminar postos de escuta inimigos e apossar-se de seus meios de transmissão.* O movimento, desde as áreas de reunião até a margem oposta, é efetuado, em geral, sob

o contrôlo das tropas de engenharia. (Nota: Este período foi antecipado ao que se lhe segue).

b) As partidas das posições de ataque são reguladas no tempo, de modo que permitam, às unidades de primeiro escalão, executarem a transposição, simultaneamente, em uma larga frente; desde o momento, porém, que essas unidades deixam as posições de ataque, não mais se detêm e nenhuma tentativa é feita para manter o alinhamento entre os botes. Normalmente, não se abre fogo dos botes, particularmente quando a transposição é feita com auxílio da escuridão. Carros de combate anfíbios e outros veículos dessa natureza, ou lanchas de desembarque, podem ser incluídas nas forças de assalto. O ruído do movimento pode ser encoberto por um ataque aéreo ou pelo fogo de artilharia. Objetivando a preservação do segredo, precauções devem ser tomadas, na preparação, quanto ao movimento de veículos pesados, nas proximidades da margem do rio, antes da transposição.

801. As tripulações de engenharia trazem de volta os botes de assalto para a segunda vaga, que já se deve ter movimentado para os pontos de transposição. Se a corrente é forte, deve-se ter em conta a deriva, ao se fixar a hora ou o local de reunião dos botes. Se os botes devem ser novamente empregados, deve-se considerar, também, as perdas prováveis durante a travessia da primeira vaga. Pode ser necessário que haja botes de reforço para as vagas sucessivas ou, então, que a engenharia lhes forneça pontões ou portadas.

802. As passarelas podem ser usadas pelas primeiras vagas para a transposição de cursos d'água estreitos. Sua construção é difícil, se não impossível, sobre a ação do fogo de armas portáteis e metralhadoras. Ordinariamente, são empregadas para a transposição das sucessivas vagas de tropa a pé, em particular, depois que o primeiro objetivo foi conquistado. Onde, a largura do curso d'água e outros fatores, o permitam, passarelas podem ser previamente lançadas, para

permitir sua transposição, sem se tornarem necessário posteriores lançamentos.

803. As portadas são empregadas para a travessia dos veículos necessários, antes que seja possível construir a ponte de equipagem, o que, geralmente, só é possível, depois da conquista do primeiro objetivo. Quando o suprimento de pontões o permita, as portadas, muitas vezes, continuam em uso, depois da ponte construída, a fim de servir como meio suplementar de travessia e para o tráfego de volta.

804. Os planos devem encarar a eventualidade do aproveitamento do êxito, em qualquer frente onde a transposição tenha obtido mais sucesso, seja pelo emprego de tropas de outras frentes, seja da reserva.

805. Além do apóio de fogo de armas orgânicas, a transposição dos grupamentos táticos (e não, "de força") é apoiada pela artilharia de campanha e pelo fogo das armas de apóio da reserva (retirou-se daqui "avição de combate e fumaça", colocados sob outra forma mais adiante), além do fogo dos carros de combate e artilharia anti-aérea, quando isso não interferir com a execução de suas missões principais. Durante o dia, podem ser fatores decisivos, o apóio da aviação de combate e o emprego de fumaça.

806. O fogo de apóio pode ser desencadeado, várias horas antes da transposição inicial, contra um inimigo preparado para resistir em posição bem organizada, ou pode, para obtenção da surpresa (e não, "segurança" — erro tipográfico), ser adiado até que a operação haja sido percebida.

806-A. a) Contra ataques, à base de blindados, representam uma séria ameaça à operação, particularmente, durante a fase inicial da transposição. Todos os esforços devem ser envidados no sentido de se proporcionar proteção contra tais ações.

b) Entre as medidas a serem tomadas, pode-se incluir, o transporte, por balsa, desde logo, de carros de combate orgânicos e em

apóio
ticar
prior
trução
trave
prote
da
avia
assalto
arma
mento
come

(N
de u
espec
de qu
tratav
807
e con
que a
ultrap
a arti
locam
rio. M
lharia
mento
que g
apóio.
camen
sários
panha
rante
avanço

808.
zada
tres, c
trada e
posiçã
pontes
das an
anti-aé
margem
balsas,
pontes
tinua p
enquan

809.
da par
primei
ser, na
O êxito
a const
tes de
sim, ac
de pont
necessi
pontes
pontes
conduze

apóio; preparação de apóio de anticarro, desde a margem amiga; prioridade especial para a construção da ponte que permitirá a travessia de blindados; e, também, proteção aérea, da transposição e da margem oposta, oferecida pela aviação de combate. Elementos de assalto podem ser equipados com armas individuais anticarro suplementares, caso isso se torne recomendável.

(Nota — Trata-se, como se vê, de um novo parágrafo, referente, especialmente, à defesa anticarro, de que o anterior Manual pouco tratava.)

807. A artilharia apoia imediata e continuamente o avanço. Assim que as vagas de assalto tiverem ultrapassado seu primeiro objetivo, a artilharia pode iniciar, seu deslocamento por bateria, através do rio. Mais tarde, o grosso da artilharia é deslocado, sendo o movimento conduzido de forma a que fique garantida a continuidade do apóio. Os observadores e os destacamentos de ligação, com os necessários meios de transmissão, acompanham as unidades de assalto durante a transposição, bem como, o avanço para objetivos sucessivos.

808. A defesa antiaérea, realizada tanto pela unidades terrestres, como pela aviação, e concentrada em torno das frentes de transposição e, das mais importantes pontes de equipagem. Uma parte das armas automáticas da defesa antiaérea deve ser levada, para a margem oposta, por meio de botes e balsas, antes que a construção das pontes tenha sido iniciada. A contínua proteção das pontes é mantida enquanto for necessário.

809. A fumaça, além de ser usada para ocultar a transposição das primeiras vagas, o pode, também, ser, nas fintas e demonstrações. O êxito do uso da fumaça facilita a construção, desde o início, de pontes de equipagem, permitindo, assim, acelerar a expansão da cabeça de ponte. Seu emprêgo aumenta a necessidade de balizamento dos pontos de embarque, dos locais das pontes e das estradas que a elas conduzem.

Nota — Eliminou-se o primeiro período, "a fumaça pode ocultar as operações de travessia contra a observação terrestre, mas geralmente, não evita a aérea".

Outrossim, ao segundo período, deu-se nova forma, pois, rezava: "Comumente é empregada durante o dia, em combinação com fintas e demonstrações, concorrendo para ocultar o verdadeiro ponto de travessia das primeiras vagas".

Os dois trechos acima assinalados, foram eliminados, como se vê.

810. Uma reorganização torna-se urgente, e por todos os meios disponíveis, inclusive, através do emprêgo de novas tropas, a fim de assegurar que, o ataque aos objetivos da segunda fase, possam ser levados avante sem demora, uma vez os objetivos iniciais tenham sido conquistados. (Substituiu o anterior que rezava: "Conquistado o primeiro objetivo e tendo a infantaria de segundo escalão já transposto o rio, o ataque continua, sem perda de tempo, sobre o segundo objetivo"). Desde que, a conquista desse segundo objetivo, privará o defensor da observação terrestre, sobre os pontos de transposição, é de se esperar, pois, aí, considerável resistência. (Foi dada nova forma, apenas). Todo o apóio possível, inclusive de unidades blindadas, deve-se tornar disponível para as forças atacantes, de modo a que, os objetivos da terceira fase, sejam conquistados, no menor tempo possível. (Eliminou-se o período final: "Nesse momento, as unidades mecanizadas, empregadas agressivamente, são de particular eficiência").

811. a) Tão logo os objetivos da segunda fase sejam conquistados (eliminou-se o complemento, "ou neutralizada a artilharia leve inimiga"), ou, mesmo, antes desse momento, se as condições o permitirem, o comando responsável (e não, "superior"), dá ordem para a construção das pontes (aboliu-se a forma singular também existente). Quanto maior o número de pontes construídas, mais rápida e segura será a transposição. As pontes de circunstância requerem muito tem-

po e trabalho para sua construção. Resultados mais rápidos podem ser obtidos com o emprego de pontes de equipagem, ou de outros equipamentos de engenharia da mesma natureza.

b) Locais suplementares, para a construção de pontes, são escolhidos de ante-mão. Depois de descarregada a equipagem em um local, transferir o lançamento, para outro suplementar, é operação difícil e demorada. A decisão nesse sentido compete ao comando responsável (e não, "superior").

c) Logo após a construção das pontes, dispositivos de proteção, tais como, rédes ou barragens, podem ser colocados sob o curso d'água, para protegê-las contra possíveis demolições daí oriundas. (Nota — Subparágrafo inteiramente novo).

812. (Totalmente eliminado, e que rezava: "Construída a ponte, o restante da artilharia e da tropa atravessam o rio, e um ataque coordenado, se necessário, é desfechado sobre o terceiro objetivo. Se a construção da ponte for impraticável, a passagem de toda a tropa e equipamento é feita por meios descontínuos. Após a conquista do terceiro objetivo, as operações poderão ser ofensivas ou defensivas, conforme a situação").

813. O controle local durante a transposição e o avanço para os primeiros objetivos cabem, principalmente, aos comandantes das pequenas unidades. A conquista desses primeiros objetivos dão oportunidade aos comandos imediatamente superiores, para reassumirem esse controle e de dirigirem o ataque aos segundos objetivos. (Foi eliminado o período seguinte e que rezava: "Visto como a conquista do segundo objetivo é seguida, como é comum, da construção de pontes de equipagem e da travessia da artilharia e do restante da tropa, o comandante superior tem possibilidade de montar um ataque coordenado ao terceiro objetivo"). Tão logo suficientes meios hajam transposto o rio, o comando pode determinar um ataque coordenado sobre os terceiros e últimos objetivos. A pa-

rada em cada objetivo é a mais curta possível. (Eliminou-se o período seguinte e que rezava: "Todos os esforços são feitos a fim de conduzir as operações de maneira tal que o terceiro objetivo seja tomado e ocupado no mais curto prazo"). (E o período final desse parágrafo também foi eliminado: "As transmissões são asseguradas inicialmente, entre as forças das duas margens do rio, pelo rádio; mais tarde podem ser estendidas linhas telefônicas através do rio e estabelecida ligação pelo fio entre os principais postos de comando").

814. (Como já vimos, passou a ser, com as modificações assinaladas, subparágrafo do 784).

814. A. a) Medidas de controle do tráfego, para uma transposição de rio, devem ser completas e flexíveis, o que é essencial para garantir uma ampla utilização dos pontos a transpor, na exploração do sucesso tático. Medidas flexíveis permitem rápidos ajustamentos, para atender a situações inesperadas que possam ocorrer. Pontes podem ser danificadas ou destruídas, ou, mesmo, alterações se podem tornar necessárias no tocante às prioridades de transposição das unidades.

b) Geralmente o controle do tráfego é centralizado. Postos de tráfego serão estabelecidos em todos os pontos onde sérios problemas dessa natureza possam ocorrer. É, comumente, conveniente, estabelecer áreas reguladoras do tráfego, tão próximo dos pontos de transposição quanto a segurança e a rede de estradas o permitam. Essas áreas são providas de adequados meios de transmissão para garantir, aos comandos, o controle das transposições, o que permite, uma máxima e regulada corrente de tráfego, sobre os respectivos pontos, a par de, ainda, facilitar prontos reajustamentos, para sua normalização, quando isso se torne necessário. Uma área reguladora do tráfego, estabelecida na margem oposta, representa idêntico papel funcional, prevenindo congestionamentos e regulando o tráfego de volta através da ponte ou por balsas e portadas.

814-
tenha
rada, p
uma re
tenha
tir que
pontos
para a
taguara
se opõe
posição
forte p
outras
do êxito
desde o
de forte
atua r
guardas

"Can
caminhos
por exer
território
os camin
que prete
Circu
outras di
certas ép
Nas l
elaborado
recido em
Maior do
Nesse
campanha
"o fatalis
Não f
de cultura
Maior, hi
afirmariam
laria para
Com o
que teve a

814-B. *Uma transposição que tenha tido sucesso deve ser explorada, pronta e agressivamente. Em uma região, uma transposição que tenha sido efetivada, pode permitir que unidades vizinhas utilizem pontos de travessia já tomados para atuar sobre os flancos e retaguarda das forças inimigas e que se opõem às mesmas. Uma transposição de rio contra um ponto forte pode, assim, ser evitado. Em outras circunstâncias, a exploração do êxito de uma transposição pode, desde o início, permitir o emprego de fortes elementos blindados, para atuar profundamente nas retaguardas inimigas.*

NOTA — Como se vê, mais dois parágrafos foram acrescentados, sendo que, o 814-A, tratando, exclusivamente, de questões de tráfego, essenciais em tais operações, e que, no Manual anterior, se ignorou completamente.

—o—

Chegamos, destarte, ao fim desta jornada, na esperança de havermos contribuído, de alguma forma, para esclarecer os estudos de nossos problemas militares.

LIVROS NOVOS

"CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO"

Ten.-Cel. ANTONIO DE SOUZA JUNIOR

"Caminhos históricos de invasão, o próprio nome está indicando, são caminhos balizados ou definidos pela História, como itinerários seguidos por exércitos em mais de uma campanha militar, para penetrarem em território ou país inimigo. Não quer isto dizer também que sejam esses os caminhos que, de futuro, terão de seguir obrigatoriamente os exércitos que pretendam invadir os mesmos territórios, os mesmos países.

Circunstâncias materiais, em particular, podem influir para que outras direções, outros caminhos sejam selecionados e aproveitados em certas épocas, diferentemente daqueles utilizados em eras anteriores."

Nas linhas acima tem-se claramente o "de que se trata" do trabalho elaborado pelo Ten.-Cel. Antonio de Souza Junior e recentemente aparecido em caprichosa edição da Biblioteca Militar, autorizada pelo Estado-Maior do Exército.

Nesse trabalho se encontra uma interessante síntese do estudo das campanhas militares do Sul do País, contendo ajuizadas conclusões sobre "o fatalismo histórico geográfico da defesa das nossas lndes meridionais".

Não fora já o autor suficientemente conhecido nos meios militares de cultura — antigo professor de História Militar da Escola de Estado-Maior, historiógrafo laureado de "Do Recôncavo aos Guararapes" — afirmarmos aqui apenas que "Caminhos Históricos de Invasão" bastaria para consagrar o Ten.-Cel. Souza Junior como escritor militar.

Com os nossos parabéns enviamos-lhe agradecimentos pelo exemplar que teve a gentileza de oferecer-nos.

(A. R. Paz.)